

A competitividade das PME nacionais do sector da Saúde e sua importância para a economia portuguesa

Contributo do Health Cluster Portugal para a “Conferência da Primavera - Pequenas e Médias Empresas”

Actuando em sectores de grande relevância, em termos de potencial de mercado, como sejam os sectores da farmacêutica/biotecnologia, dos dispositivos médicos e dos serviços, as empresas da cadeia de valor nacional da Saúde assumem hoje um papel de considerável relevo na economia portuguesa, contribuindo de forma crescente para a produção de riqueza, para a criação de emprego qualificado e para o esforço exportador, o qual se traduz já em valores anuais da ordem dos 480 milhões de euros.

Uma parte importante deste contributo é devido às Pequenas e Médias Empresas (PME), as quais, apesar de ainda em número relativamente reduzido (o que acontece, de resto, também com as grandes empresas) – quando se compara com a realidade de países mais competitivos neste domínio –, têm vindo a representar uma importante mais-valia para o crescimento registado no sector alargado da Saúde em Portugal.

O perfil destas PME é bastante diverso, tanto de sector para sector, como no seio de cada um deles. No caso dos dispositivos médicos, por exemplo, coexistem em Portugal empresas produtoras em áreas mais tradicionais, como por exemplo a têxtil ou a transformação de matérias plásticas, com outras em áreas menos tradicionais e ditas mais avançadas, como sejam a electrónica, os materiais funcionais, os biomateriais ou as nanotecnologias. Este sector tem sido palco, em anos recentes, de uma interessante dinâmica no tocante à criação de novas empresas e de reorientação de outras, apontando a segmentos de mercado mais *high-tech*, pautados por produtos com um maior grau de incorporação tecnológica e com maior valor acrescentado.

Também o sector da farmacêutica/ biotecnologia tem observado uma evolução merecedora de cuidada atenção, o que assume particular relevância para a economia nacional, na medida em que estão em causa, também aqui, produtos de grande valor acrescentado. Com efeito, tem-se vindo a assistir, por um lado, a uma tendência de crescimento generalizado das empresas instaladas e, por outro, à criação de diversas *start-ups* com grande potencial de evolução.

No sector dos serviços distinguem-se segmentos muito dinâmicos como seja, por exemplo, o das análises clínicas que, em alguns casos, parece querer ultrapassar uma vocação exclusivamente prestadora, assumindo uma forte aposta na investigação e desenvolvimento de métodos e tecnologias inovadoras, enquanto forma de diferenciação num contexto de competitividade global.

Apesar da melhoria constante no perfil da cadeia de valor nacional da Saúde – que tem sido bastante acentuada em anos recentes, existe ainda, naturalmente, uma grande margem de evolução.

Como é sabido, o mercado da Saúde, em termos genéricos, pauta-se por fortes exigências ao nível do grau de inovação, eficácia, qualidade e segurança de produtos e serviços, da mesma forma que é marcado por uma extrema competitividade.

Neste contexto, a afirmação do sector nacional da Saúde e dos seus actores passa necessariamente pela atenção dada, quer pelas empresas, quer pelas instituições de ciência, quer, ainda, pelas políticas públicas - num quadro de cumplicidade activa - a um conjunto de factores críticos.

Desde logo, a aposta em I&D e Inovação afirma-se como um dos factores mais importantes. As PME nacionais do sector Saúde estão disso bem cientes, notando-se, hoje em dia, que esta é uma questão na agenda, se não de todas, certamente da esmagadora maioria. Das políticas públicas

espera-se contribuições estruturantes tendo em vista assegurar que esse interesse e essa cultura já estabelecida possam alcançar a devida materialização. A racional utilização do *public procurement* poderá constituir uma boa opção.

Neste sentido, importará realçar as mais-valias passíveis de virem a ser geradas pelo incremento das práticas colaborativas entre as empresas e o mundo académico/científico. No que constitui um ponto muito forte, Portugal produz cada vez mais e melhor conhecimento na área da Saúde. Contudo, tal realidade não se tem vindo a traduzir num robustecimento proporcional das *pipelines* da indústria nacional. Como tal, urge criar e/ou melhorar de forma contínua um conjunto de condições de contexto que propiciem uma eficaz transferência do conhecimento e das tecnologias desenvolvidas nas instituições de Ciência para o contexto empresarial.

De igual modo, importa assegurar a disponibilidade no país de um conjunto de meios e ferramentas de financiamento competitivas para suporte aos processos de transformação de conhecimento em produtos, os quais, no sector Saúde podem assumir uma duração, uma exigência financeira e um grau de risco muito consideráveis. Esta disponibilidade refere-se não só a apoios a organizações já estabelecidas, como também ao apoio ao empreendedorismo e à criação de novas empresas.

Intimamente ligada à aposta em I&D e Inovação está a aposta na qualificação dos recursos humanos. Porventura em poucos outros sectores se encontrarão tantos doutorados nas empresas como na Saúde. Mas o potencial de crescimento deste indicador é ainda muito considerável, com Portugal a formar actualmente cerca de 300 doutorados em Ciências da Saúde e Ciências Biológicas; isto num total de diplomados em Ciências Biológicas, Ciências Médicas e da Saúde – em todos os graus académicos – que ultrapassa os 16 mil. Trata-se de um potencial que colectivamente o país não se poderá dar ao luxo de não aproveitar da única forma que se configura como racional: promover, incentivar e apoiar a inserção destes recursos humanos qualificados no tecido empresarial, assegurando, simultaneamente, a sustentabilidade das condições em que tal é feito.

Por fim, justifica menção a importância crítica de promover continuamente o esforço de internacionalização do sector nacional da Saúde e dos seus agentes. Isto porque a competitividade do mercado da Saúde tem pleno paralelo na sua atractividade – o mercado global valerá hoje cerca de 4,7 biliões (milhões de milhões) de USD e as perspectivas para as próximas décadas apontam para um crescimento muito significativo.

O sucesso das PME nacionais em mercados tão competitivos dependerá, em primeiro lugar, delas mesmas: das suas capacidades, das suas qualidades, da forma como responderem e se adaptarem a realidades em constante mutação. Às políticas públicas, caberá um papel crucial ao nível da interacção sobre as condições de contexto visando a competitividade do tecido empresarial. Ao Health Cluster Portugal, enquanto ponto de encontro entre todos os *stakeholders*, cabe o papel de mobilizar a cadeia de valor – sempre numa perspectiva de promoção da cooperação/coopetição –, visando a migração para patamares mais elevados de competitividade alicerçada, sobretudo, no conhecimento.

O bom desempenho das empresas e da cadeia de valor nacional da Saúde, em muito poderá contribuir para o futuro da economia portuguesa, à semelhança do que acontece em muitos outros países que assumiram este como um sector produtivo prioritário (privilegiando a óptica da oportunidade em detrimento da abordagem cega de contenção de custos) e onde esta fileira ocupa hoje uma posição de destaque na criação de riqueza e de postos de trabalho qualificados.